

# Transperiferias: uma proposta para pesquisas socialmente engajadas

Junot de Oliveira Maia\*

\*Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, Minas Gerais / Brasil

[junotmaia@gmail.com](mailto:junotmaia@gmail.com)

<http://orcid.org/0000-0002-9645-0027>

Joel Austin Windle\*\*

\*\*University of South Australia (UniSA), Salisbury, Adelaide / Austrália

[joel.windle@unisa.edu.au](mailto:joel.windle@unisa.edu.au)

<https://orcid.org/0000-0002-8544-9215>

Miriam Lúcia dos Santos Jorge

University of Missouri (MU), Columbia, Missouri / Estados Unidos

A noção de um paradigma transperiférico vem ao encontro da necessidade de reconhecer a importância de movimentos e contatos entre lugares tidos como periféricos na construção intelectual e política de movimentos emancipatórios (Muniz, 2021; Souza, 2021; Windle *et al.*, 2020). Essa necessidade está enraizada na própria construção de periferias em diversas escalas para além do determinismo que insiste em essencializá-las com base em uma localidade geograficamente fixa e não-transitória. No Brasil, assim como em grande parte do que hoje entendemos como Sul Global, a palavra *periferia* evoca historicamente um conjunto de sentidos e identidades ligadas à marginalização habitacional – destacadamente, a ideia de gentrificação – e social de parte da população. Além disso, o conceito de periferia em si também integra críticas direcionadas ao capitalismo global, em que um “centro” europeu-norte-americano coloniza, explora e desapropria “periferias” e “semiperiferias” (Grosfoguel, 2002; Mignolo, 2002; Wallerstein, 2011). Ainda, em uma terceira escala, o reforço determinista de um posicionamento periférico corrobora a supervalorização de teorias inscritas nesse Norte Global, desvalorizando a produção e a circulação de conhecimentos academicamente produzidos e legitimados dentro de universidades, escolas e outras agências letradas presentes no Sul Global (Connell, 2020; Mignolo, 2012).

Frente a esse conjunto de estigmas, o paradigma transperiférico soma-se a outras propostas de confronto ao *status quo* da produção de conhecimento e de modelo social dominante (Anzaldúa, 1987; Dussel, 2012; Moita Lopes, 2009), oferecendo uma reflexão sobre como pesquisadores nos estudos da linguagem e da sociedade podem encontrar bases epistemológicas outras, capazes de desestabilizar as esterilidades que sustentam o fazer científico prometido pela modernidade e suas regularidades convencionadas. Especificamente em relação à academia, a transitoriedade e o movimento no fazer científico provocam a inevitabilidade de se entender o “periférico” em sua complexidade e pluralidade: afinal, campos diversos



do conhecimento – a física, sobretudo – já nos ensinaram que as forças do entorno costumam ser as responsáveis pelas pressões capazes de transformar o centro em qualquer sistema complexo (Cesarino, 2022). O paradigma transperiférico, nesse sentido, convoca uma agência engajada e ética por parte de nós, pesquisadores, em relação àqueles parceiros com quem trabalhamos, com quem construímos conhecimentos e sem os quais não haveria a matéria primeira de nossas análises e proposições.

O foco no posicionamento relacional de pesquisadores na construção e contestação de dinâmicas centroperiferia (Tavares *et al.*, 2022) que privilegia as perspectivas periféricas é, de fato, algo que pode diferenciar uma dinâmica transperiférica de alguns outros movimentos com objetivos emancipatórios. Nesse sentido, Smith, Tuck e Yang (2018) chamam atenção para o que eles chamam de *validade relacional* em propostas de pesquisa decolonial, deslocando a *validade catalítica* que define propostas a favor da justiça social surgindo, por exemplo, da tradição da pedagogia crítica (Smith; Tuck; Yang, 2018). Mais genérica, a validade catalítica define seu valor dentro de possíveis efeitos de mudança social de forma mais ampla, ou seja, o potencial de ser catalisador de transformações na sociedade. A validade relacional, por sua vez, estabelece-se no âmago de relacionamentos e posicionamentos diferenciados nas interações que caracterizam cada pesquisa, sendo própria ao tempo-espaço e prioridades dos grupos com quem se constrói a devida investigação.

Com efeito, a proposição de uma perspectiva transperiférica não é ocasional. Afinal, disputas por políticas públicas de naturezas diversas têm sido fundamentais para que as periferias organizadas se fortaleçam ao pleitearem lugares legítimos de participação e de reivindicação por direitos que lhes foram historicamente negados. No caso brasileiro, a aprovação da lei 10.639/2003 (Brasil, 2003), posteriormente complementada pela lei 11.645/2008 (Brasil, 2008), as políticas de cotas na graduação e na pós-graduação e a expansão de vagas nas universidades pelo programa REUNI são exemplos de legislações implementadas a partir das articulações e agências estratégicas das margens (Windle; Muniz, 2018).

De nosso interesse, nos estudos da linguagem, perspectivas de análise linguístico-discursiva que passaram a valorizar o fazer do sujeito, e não a estabilidade e a pureza do dado linguístico – em termos específicos, referendando uma virada pragmática (Austin, 1975; Cavalcanti, 1986; Geraldi, 1984; Rajagopalan, 2010) –, foram fundamentais para o reconhecimento de novas e outras epistemologias. Por conseguinte, tem sido perceptível nos últimos anos um empreendimento analítico contundente visando à problematização da racialidade de todos os sujeitos que produzem os dados linguísticos em suas interações, sobretudo aqueles que, historicamente, não eram racializados justamente por prefigurarem a força do padrão vigente (Bento, 2002; Pinto, 2013). Exemplo disso são pesquisas atuais que resgatam o trabalho pioneiro de Lélia Gonzalez sobre o Pretuguês (Nascimento, 2019) e outras, que reconhecem a identificação de registros próprios aos ativismos periféricos (Silva; Maia, 2022).

É, portanto, no sentido de criar instabilidades construtivas e propositivas que este dossiê, assim como o manifesto *Trasperiferias* o fez, dá a conhecer formas incomuns de se pensar as relações, as tensões e os fluxos centroperiferia, indo além das limitações determinísticas que possam caracterizar as margens como lugares estanques e não-contaminantes entre si e o próprio centro mirado por elas.

Ainda que brevemente, alguns exemplos que exploram a potência de transperiferias em diferentes escalas merecem destaque. No Brasil, a instauração do conceito de reexistência por Ana Lúcia Silva Souza (2011) foi determinante para que outros trabalhos racializados se destacassem com a devida relevância. O letramento racial crítico de Aparecida de Jesus Ferreira (2015), as práticas linguísticas mandingueiras de Kassandra Muniz (2021), a preocupação de Glenda Melo (2023) com as performatividades de

raça e suas interseccionalidades, as sobrevivências etnografadas por Junot de Oliveira Maia (2017, 2019) e por Adriana Lopes, Adriana Facina e Daniel do Nascimento e Silva (2019), além do racismo linguístico descrito por Gabriel Nascimento (2019), compõem um cenário promissor para reflexões sobre raça e seus atravessamentos nos estudos brasileiros da linguagem.

Além disso, destacam-se os letramentos que conectam os brasileiros a audiências globais. Jovens moradores de periferias se arriscam em interações com “ghetos” americanos, projetando e construindo novos imaginários com base em apropriações e transformações da língua inglesa (Windle; Ferreira, 2019; Windle, Moita Lopes, 2013). Moradores de *townships* da África do Sul e de favelas do Brasil negociam interações transglóssicas a fim de problematizar os efeitos das remoções forçadas em decorrência das copas do mundo de futebol realizadas em ambos os países, respectivamente, em 2010 e 2014 (Silva, 2022). Na América do Sul, um poeta uruguaio produz sua arte em *portuñol*, afirmando sua resistência à normatividade morfológico-gramatical e aos registros dominantes impostos por políticas linguísticas na fronteira entre seu país e o Brasil (Silva; Lopes, 2019). Na distante Austrália, o rapper aborígine Ziggy Ramo relê a história da colonização na América Latina para questionar processos de desumanização e racialização que marcam seu país até os dias de hoje.

A robustez desses exemplos evidencia como o paradigma transperiférico evoca caminhos promissores para o papel da diferença e dos diálogos plurilaterais nos estudos da linguagem. Ainda que instâncias internacionais de financiamento de pesquisa – OCDE, ONU, Banco Mundial, FMI, Unesco, entre outras agências – insistam em reforçar o modelo de conhecimento produzido no norte dominante, o Sul Global reexiste de forma conectada com suas outras formas de fazer. A Linguística Aplicada, por sua vez, projeta-se como campo valioso capaz de promover reflexões complexas sobre como o contato transperiférico é potente não só para denunciar desigualdades, mas também para vislumbrar futuros mais justos a partir da diferença. Os trabalhos que compõem este dossiê reforçam esse nosso entendimento.

## Referências

- ANZALDÚA, G. *Borderlands/La frontera: The new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.
- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1975.
- BENTO, M. A. S. *Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002.
- BRASIL. 2003. *Lei 10.639/2003 de 09 de janeiro de 2003*. Brasília: Diário Oficial da União, Poder Executivo, 2003.
- BRASIL. *Lei 11.645/2008 de 10 de março de 2008*. Brasília: Diário Oficial da União, Poder Executivo, 2008.
- CAVALCANTI, M. C. A propósito de linguística aplicada. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 7, n. 2, p. 5-12, 1986.
- CESARINO, L. *O mundo do avesso: Verdade e política na era digital*. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- CONNELL, R. *Southern theory: The global dynamics of knowledge in social science*. [S.l.]: Routledge, 2020.
- DUSSEL, E. D. Transmodernity and interculturality: An interpretation from the perspective of philosophy of liberation. *Transmodernity: Journal of Peripheral Cultural Production of the Luso-Hispanic World*, v. 1, n. 3, p. 28-59, 2012.

- FERREIRA, A. J. *Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas com atividades reflexivas*. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015.
- GERALDI, J. W. *O texto na sala de aula*. Cascavel: Assoeste, 1984.
- GROSGOUEL, R. Colonial difference, geopolitics of knowledge, and global coloniality in the modern/colonial capitalist world-system. *Review (Fernand Braudel Center)*, v. 25, n. 3, p. 203-224, 2002.
- LOPES, A. C.; FACINA, A.; SILVA, D. N.; CALAZANS, R.; TAVARES, J. Letramentos de sobrevivência: costurando vozes e histórias. *Revista da ABPN*, Uberlândia, v. 10, 2018, p. 678-703.
- MAIA, J. O. *Fogos digitais: letramentos de sobrevivência no Complexo do Alemão/RJ*. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, 2017.
- MAIA, J. O. Fogos digitais: letramentos de sobrevivência e participação cidadã no Rio de Janeiro. *Inovações e desafios epistemológicos em Linguística Aplicada: Perspectivas sul-americanas*. Campinas: Pontes Editores, 2019, p. 115-142.
- MELO, G. C. V. *Linguística Aplicada, raça e interseccionalidade na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2023.
- MIGNOLO, W. The geopolitics of knowledge and the colonial difference. *The South Atlantic Quarterly*, v. 101, n. 1, p. 57-96, 2002.
- MIGNOLO, W. *Local histories/global designs: Coloniality, subaltern knowledges, and border thinking*. [S.L.]: Princeton University Press, 2012.
- MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de linguística à linguística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (orgs.) *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 11-24.
- MUNIZ, K. Linguagem como mandinga: população negra e periférica reinventando epistemologias. In: SOUZA, A. L. (org.) *Cultura política nas periferias: estratégias de reexistência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021, p. 273-288.
- NASCIMENTO, G. *Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2019.
- PINTO, J. P. Prefiguração identitária e hierarquias linguísticas na invenção do português. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) *O Português no século XXI: Cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013, p. 120-143.
- RAJAGOPALAN, K. *Nova pragmática: fases e feições de um fazer*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- SILVA, D. Transidiomatic favela: language resources and embodied resistance in Brazilian and South African peripheries. *Applied Linguistics Review*, n. 0, 2022.
- SILVA, D. N.; LOPES, A. C. “Yo hablo un perfeito português”: indexicalidade, ideologia linguística e desafios da fronteira a políticas linguísticas uniformizadoras. *Revista da ABRALIN*, v. 17, n. 2. Maceió: ABRALIN, s/p, 2019.
- SILVA, D. N.; MAIA, J. O. Digital rockets: resisting necropolitics through defiant languaging and activism. *Discourse, context and media*, v. 49, 100630, 2022.
- SOUZA, A. L. S. *Letramentos de reexistência: Música, dança, poesia, grafite: hip-hop*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- SOUZA, A. L. S. *Cultura política nas periferias: Estratégias de reexistência*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021.
- SMITH, L. T.; TUCK, E.; YANG, K. W. *Indigenous and decolonizing studies in education: Mapping the long view*. [S.L.]: Routledge, 2018.

TAVARES, F.; DE CASTRO MANOEL, M. H.; DA SILVA, C. F. Território, desigualdades e pandemia: reflexões sobre centroperiferia e o contexto brasileiro. *Laboratório: revista de estudos sobre cambio estrutural y desigualdad social*, Buneos Aires, v. 32, n. 2, p. 56-81, 2022.

WALLERSTEIN, I. *The modern world-system I: Capitalist agriculture and the origins of the European world-economy in the sixteenth century*. [S.l.]: University of California Press, 2011. v. 1.

WINDLE, J. *et al.* Por um paradigma transperiférico: uma agenda para pesquisas socialmente engajadas. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 59, p. 1563-1576, 2020.

WINDLE, J. A.; MUNIZ, K. Constructions of race in Brazil: Resistance and resignification in teacher education. *International Studies in Sociology of Education*, v. 27, n. 2-3, p. 307-323, 2018.

WINDLE, J.; FERREIRA, B. B. P. Plurilingual social networks and the creation of hybrid cultural spaces. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 58, p. 139-157, 2019.

WINDLE, J.; MOITA LOPES, L. P. Rescaling the global borderlands: Transperipheral projections from ‘the heart of the Amazon’. *Language in Society*, v. 52, n. 1, p. 129-149, 2023.